

13º Seminário

do_c_o_m_o_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



HOLANDA MENDONÇA E A DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA NO SUL

História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil

Magali Nocchi Collares Gonçalves

Doutora, professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo
Centro Universitário da Região da Campanha - URCAMP
magaligoncalves@urcamp.edu.br

Silvio Belmonte de Abreu Filho

Doutor, professor do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PROPARG/UFGRS
silvio.abreu.arq@gmail.com

Resumo: O artigo retoma exploratoriamente argumentos de recente tese de doutorado sobre o arquiteto Holanda Mendonça apresentada no PROPARG/ UFGRS. Graduado na FNA do Rio de Janeiro em 1946, seu deslocamento imediato ao sul sugere aplicação direta dos pressupostos da Arquitetura Moderna Brasileira da Escola Carioca. O objeto é o estudo de sua obra no Rio Grande do Sul, desde 1948 até morte prematura em 1956, e sua contribuição na introdução e difusão da Arquitetura Moderna em Porto Alegre e no RS. No início dos anos 50, vinculado a forte construtora local e em escritório próprio, produz obras de grande visibilidade, referências no imaginário moderno portoalegrense como os edifícios Formac, Consórcio e Santa Cruz, este ainda o mais alto da capital. O estudo delimita-se a partir de uma amostragem arquitetônica de sua obra, inventariada segundo suas características bidimensionais, volumétricas e espaciais, e por seus elementos arquitetônicos, quantitativa e qualitativamente. A metodologia contempla pesquisa historiográfica e analítica a partir de relações com o contexto teórico, que abrange os ambientes acadêmicos da FNA e da FAU do IBA de Porto Alegre, bem como panoramas das arquiteturas produzidas nos dois locais, o que permite a configuração de um quadro compreensivo da atividade projetual de Holanda Mendonça. A estratégia metodológica, a partir da definição e aplicação de quatro categorias de análise- inserção urbana, percursos, estrutura formal e matriz de análise-, alia-se à intenção de estabelecer analogias com referenciais da *escola carioca* e que são foco fundamental do trabalho.

Palavras-chave: Holanda Mendonça, arquitetura moderna, matriz corbusiana, escola carioca

Abstract: *The article explores arguments of the recent doctoral thesis about the architect Holanda Mendonça presented in PROPARG/UFGRS. Graduated in FNA, Rio de Janeiro, in 1946, his immediate displacement to the south suggests direct practicing of the Brazilian Modern Architecture's precepts, more specifically the escola carioca. Its object is the study of his work in Rio Grande do Sul district, since 1948 until his early death in 1956, and his contribution in the introduction and diffusion of the Modern Architecture in Porto Alegre and in the resto of the district. In the early 50's, in collaboration with a big local construction firm and as an autonomous worker, produces Works of great visibility, which are references in Porto Alegre's modern architecture, as the Formac building, Consórcio and Santa Cruz, being the latter still the highest building in Porto Alegre. The study focuses in a selection of works by Mendonça, chosen based on its bidimensional, volumetric and spatial features, and due to the architectural elements present, both quantitatively and qualitatively. The methodology consists in the*



historical and analytical research, from relations with the theoretical context, which involve the academic environment in FNA and at FAU from IBA, at Porto Alegre, as well as the architecture in both places, which permits a deep perception of Mendonça's activity. The method, consisting in defining and applying four categories of analysis – urban insertion, promenade, formal structure and analytical matrice – allies to the intention of establishing analogies with the references of the Rio de Janeiro Modernism school which are the fundamental focus of this work.

Keywords: Holanda Mendonça, modern architecture, corbusian matrices, escola carioca



HOLANDA MENDONÇA E A DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA NO SUL

História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil

Explora-se no estudo argumentos de recente tese de doutorado sobre o arquiteto Carlos Alberto de Holanda Mendonça, apresentada no PROPAR/ UFRGS, sobre sua obra em solo gaúcho, desenvolvida entre 1948 e 1956 (ano de sua morte) e sua contribuição na introdução e difusão da Arquitetura Moderna em Porto Alegre e no RS.

Da FNA para Porto Alegre

Graduado na FNA do Rio de Janeiro em 1946, desloca-se de imediato ao sul, o que sugere aplicação direta dos pressupostos da Arquitetura Moderna Brasileira da *escola carioca*. Encontra um panorama resistente ao moderno, pela histórica rejeição local de projetos dos mestres cariocas, nos anos 40. No início dos anos 50, vinculado a forte construtora local e em escritório próprio, produz obras de grande visibilidade, referências no imaginário moderno portoalegrense como os edifícios Formac, Consórcio e Santa Cruz, este ainda o mais alto da capital. (Figura 1)



Figura 1: Edifício Santa Cruz (1955)

Fonte: Imagens em 3D dos autores e Fotos Acervo Marcos Bueno

O marco inicial na divulgação da obra de Holanda Mendonça é a edição “Arquitetura Moderna em Porto Alegre” de Alberto Xavier e Ivan Mizoguchi (1987), que descreve um projeto



residencial unifamiliar, alguns edifícios e apresenta a perspectiva do projeto do Edifício Santa Cruz, na versão aprovada na Prefeitura Municipal em 1956.

Sua intensa produção de edifícios com grande presença na cidade torna mais concreta a perspectiva de implementação da Arquitetura Moderna no sul. Demarca inicialmente a linguagem a ser seguida, através de propostas com características de "objeto isolado", situações diversas às encontradas para os edifícios multifamiliares e mistos implantados entre medianeiras e nas esquinas das ruas centrais de Porto Alegre e outras cidades, condições urbanas que vão conduzir a maioria de seus trabalhos posteriores.

As propostas de Holanda Mendonça em sua atividade profissional parecem estar direcionadas para respostas dentro do ideário *corbusiano* e, por conseguinte da *escola carioca*. O fio condutor do processo projetual do arquiteto ou parte de uma ideia modernista, ou resulta em uma ideia modernista: os recursos de composição, desde os espaços de transição entre público e privado, entre coberto aberto e construído fechado, nos programas mistos, comerciais e residenciais, multi e unifamiliares materializam-se em estratégias que utilizam *elementos de arquitetura e de composição* com características de família compositiva, pelo uso recorrente dos mesmo elementos. Há uma preocupação visível do arquiteto, em estender suas estratégias de projeto para leituras das aparências externas dos objetos, visualizados à distância, desde a via urbana, ou intenções de inserção urbana e no *skyline* da cidade.

Um conjunto, um fato urbano

No interior do Estado, além de projetos em Erechim e Uruguaiana, vê-se em Bagé, além da Casa Nicanor Gomes, o conjunto Cine Hotel Consórcio, ambos constantes na amostragem definida na tese. Nesse empreendimento, que se viabiliza a partir da demolição de um equipamento secular da cidade como o "Mercado Público"¹, utiliza-se com propriedade o ideário *corbusiano*. Não só transfere à obra imagem e elementos figurativos da Arquitetura Moderna, mas vai além disso: ao receber para o projeto um lote *tipo quarteirão*, entre duas praças, estabelece conexões, esquinas, diálogos e permeabilidades com a escala urbana do entorno, criando um novo "fato urbano" para a cidade (Figura 2).

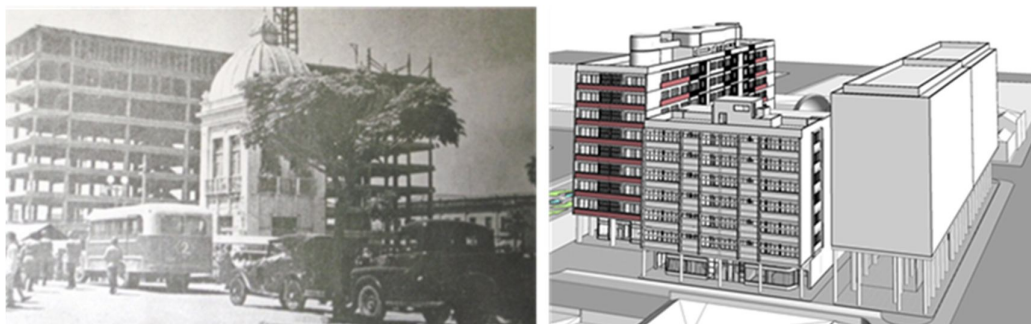


Figura 2: Vista do conjunto em construção (E) e projeto de Holanda Mendonça de 1955/56 (D)
Fonte: acervo de Delvair Camargo e redesenho dos autores

¹ Curiosamente, projeta o Mercado de Uruguaiana, em 1949, um *tipo pátio*, com semelhanças relacionadas com a geometria do Mercado Público de Bagé, que é demolido para a construção do conjunto Cine Hotel Consórcio Bagé.



Observa-se a postura peculiar de Holanda Mendonça na implantação de suas propostas - recursos que demonstram habilidade na acomodação dos edifícios, algumas vezes em substituição a "velhos" exemplares com funções importantes para a cidade -, e sempre vinculadas à utilização do ideário *corbusiano* e da *escola carioca*.

Categorias de Análise

Aspectos tipológicos, estruturais, inserção urbana, entre outros, concomitantes ou não, atuam como uma conjunção de similaridades que podem convergir para se estabelecer um vínculo analógico com outro exemplar de referência. O pensamento analógico vincula o *tipo* a uma trama de correspondências. Do mesmo modo, o *tipo* proporciona à arquitetura uma forte cadeia interna pela qual cada obra, além de ser única, é uma tradução de outras.

A aplicação das categorias de inserção urbana, percursos, estrutura formal/síntese analítica e matriz de análise -, alia-se à intenção de estabelecer analogias com referenciais da *escola carioca* e que são foco fundamental do trabalho.

Inserção urbana

Na categoria da inserção urbana, observa-se que os exemplares de Holanda Mendonça configuram situações análogas à maioria das cidades brasileiras, com malha figurativa.

Embora seja visível na Arquitetura Moderna o fascínio pela arquitetura de edifícios em detrimento da arquitetura da cidade como um todo, o objeto modernista de matriz *corbusiana*, inserido no desenho urbano figurativo, em cidades com centros urbanos consolidados, de uma forma ou de outra vincula-se a esse imaginário, bem como se integra a essa cidade contemporânea e incorpora valores materiais - de posição, de desenho e imateriais - da inserção do edifício no imaginário coletivo da cidade.

Arnheim (1988, p.11) relaciona o espaço e a forma, sua geometria, a percepção do objeto propriamente dito e o seu contexto. Para ele, as forças perceptivas que organizam as configurações visuais e que lhes conferem expressão se encontram corporizadas na geometria da arquitetura do objeto, bem como na geometria do espaço circundante. Na realidade, há uma dependência do espaço circundante na leitura dos objetos arquitetônicos.

Os extratos urbanos do Rio de Janeiro, cidade de referência do arquiteto, expõem lado a lado prédios construídos em orientações variadas, demonstrando período de transição de estéticas e de gabaritos de altura. Conforme Lamas, a qualidade arquitetônica de diferentes edifícios isolados ou justapostos nunca poderia por si só dar forma ao meio urbano.

(...) um conjunto de qualidade, se não for integrado num contexto, surge desarticulado e desprovido de verdadeira significação, tal como um conjunto de palavras não chega a construir uma frase. O discurso arquitetônico pressupõe a relação dos edifícios com o espaço urbano e o seu enquadramento numa estrutura. (LAMAS, 1995, p.307)

Supõe-se que Holanda Mendonça, e outros que se transferiram para centros periféricos do Brasil, tenha realizado "árido" exercício de adaptação dos referenciais do seu ambiente acadêmico e ambiente urbano carioca, a seus encargos locais, já que o Rio de Janeiro tem características climáticas diversas das cidades gaúchas, e clientela com aporte social, econômico e político também diverso.



Assim, na categoria da inserção urbana, identifica-se prováveis identidades e idiossincrasias dos objetos de Holanda Mendonça relacionadas com os *ícones modernistas* - referenciais temporais do arquiteto- e as adaptações dessas ideias ao ambiente construído gaúcho.

Exceto situações especiais, Comas (2013) considera que a arquitetura moderna não é incompatível com o urbanismo de parcelamento e gabarito. Acrescenta-se que no caso de Porto Alegre, a legislação prevalente equaciona o quarteirão como uma massa compacta perfurada por pátios de luz ou recuos laterais mínimos.

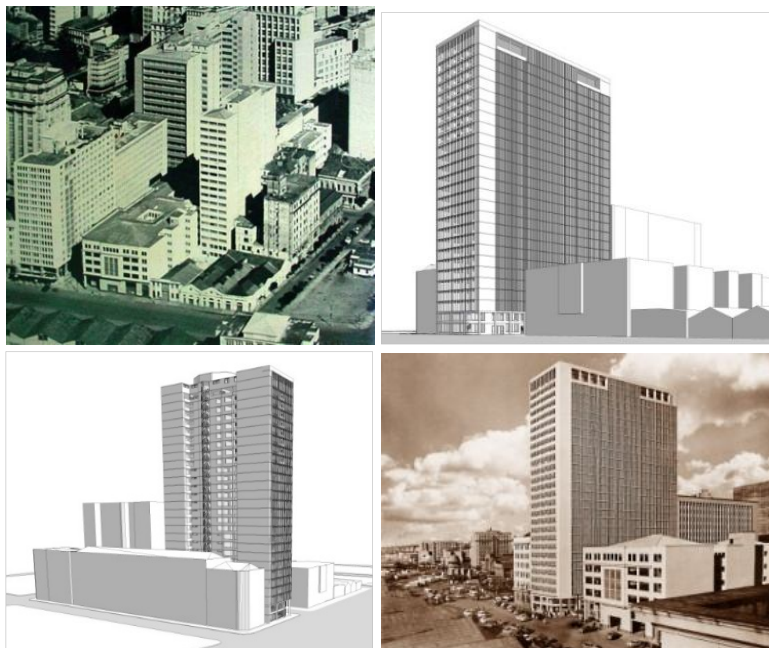


Figura 3: Edifício Formac (1952). Inserção Urbana.
Fonte: Acervo Ronaldo Bastos e Imagens dos autores.

De 1952, o Edifício Formac (Figura 3) "escapa" da lei que propunha os escalonamentos na área central, de dezembro do mesmo ano, encaixando-se ainda na legislação que previa a altura máxima equivalente a duas vezes o gabarito da rua, o que possibilita um edifício de 25 pavimentos, com verticalidade acentuada. Em retângulo alongado, com face menor para Av. Mauá e maior pra Travessa Leonardo Truda, o arquiteto lança um trecho cego de esquina, que demonstra intenção de reforço entre a articulação das duas fachadas e uma demarcação axial, culminada por ático na fachada mais alongada. Um gesto projetual que define um fator de tensão entre fachadas e outro que reforça hierarquicamente a fachada mais alongada e acesso. Nesse edifício Holanda Mendonça demonstra maestria inserindo proposta em quarteirão da malha figurativa de um centro periférico como Porto Alegre, na época, da mesma forma que os edifícios *ícones* cariocas A.B.I., de M.M. Roberto (1937) e Banco Boa Vista (1946), de Oscar Niemeyer, no centro do Rio de Janeiro, então, capital federal. Neste prédio Niemeyer a partir de colunas colossais suspende o corpo do edifício em esquina e define térreo recuado, utilizando o recurso do *tijolo de vidro*, para definir curvas e transparências ².

² Argumento utilizado por Holanda Mendonça, com a mesma configuração, no 25º pavimento do Edifício Formac.



A *colunata*, que segundo Comas é corrente na arquitetura modernista em Porto Alegre (COMAS, 2013, p.19) bem como em Holanda Mendonça, desde as primeiras propostas, agrega no Formac o gesto do diálogo com outros edifícios centrais, mesmo ainda pré-modernos e/ou racionalistas, que avançam sobre o alinhamento e acolhem os pedestres em galerias cobertas sobre o passeio. Estes oferecem algumas sequências de percursos sobre as ruas de Porto Alegre, como é o caso da Av. Borges de Medeiros, no trecho entre o Edifício Sulacap e o Conjunto Continente, formado pelos edifícios Missões, Planalto e Fronteira.

Percursos

Na segunda categoria - percursos - fundamenta-se o enfoque tipológico espacial em Cornoldi (1999), que coloca a espacialidade vinculada ao conceito moderno da contemplação da arquitetura em movimento, relacionada com a identificação tanto de momentos visuais internos, quanto externos.

A ideia do percurso na arquitetura se configura por conjunto de propriedades materiais que forcem a experiência da contemplação do objeto arquitetônico em diferentes posições e pontos de vista, bem como a relação entre o objeto e o fruidor. A estratégia conceitual a ordenar o objeto tanto internamente quanto externamente, demonstrada por Le Corbusier na Villa Savoye, revela a origem do conceito de *promenade architecturale*, implícito na declaração conhecida nos meios da arquitetura moderna:

A arquitetura árabe nos dá um ensinamento precioso. Ela é apreciada no percurso a pé; é caminhando, se deslocando que se vê desenvolverem as ordenações da arquitetura. Trata-se de um princípio contrário à arquitetura barroca que é concebida sobre o papel, ao redor de um ponto teórico fixo. Eu prefiro o ensinamento da arquitetura árabe. (CORBUSIER, 1935, p.24 apud MACIEL, 2002, p.23)

Frankl (1982) introduz a noção de *percurso*, como resultado do deslocamento do corpo através do espaço. Introduz ainda a noção de axialidade: os corpos se deslocando através de eixos, uma noção que viria, poucos anos mais tarde, a constituir a base do pensamento teórico de Le Corbusier. Nas primeiras décadas do séc. XX, o conhecimento do *einfulung* e a aplicação de sequências espaciais transcende à Alemanha e repercute na École de Beaux-Arts.

Para Recena e Castro Oliveira (2014), a articulação do espaço *moderno*, é contrária ao conceito de *marche*, oriundo dos espaços alinhados da composição *beaux arts*, que culminaria num *tableau* concebido como quadro final ou o "fecho da composição". Conforme Bueno (2012), é possível identificar a preocupação do arquiteto quanto ao lançamento de elementos de transição entre exterior e interior e a intenção de conduzir o usuário à percepção sequencial dos espaços, em aplicação literal do conceito corbusiano da *promenade architecturale*.

A partir das análises pode-se dizer que ideia sua de percurso aparece principalmente nos momentos de acesso aos prédios, onde são visíveis respostas projetuais na eleição hierárquica dos elementos compositivos no sentido perpendicular ou paralelo aos passeios públicos, e quando proporciona visualizações de espaços verticalizados, a partir de *colunatas* de simples ou dupla altura. Alguns percursos se definem a partir da configuração de *peristilos* que precedem acessos ou espaços internos tipo *átrio*. (Figura 4)



No Edifício Consórcio, a dinâmica espacial desenhada por Holanda Mendonça é clara e restrita à função comercial. Desde a Avenida Mauá, o passeio dá-se à frente das esquadrias frontais com leve avanço que expõe colunas cilíndricas, prosseguindo a partir da curva de esquina até a Travessa José Carlos Dias Oliveira. Continua com inflexão em 90°, compondo com o alinhamento - demarcado por coluna - subtração em triângulo -, cujo cateto menor é um dos lados de polígono lançado como limite sul do lote, espaço de refúgio para acesso ao condomínio comercial (P. a-d).

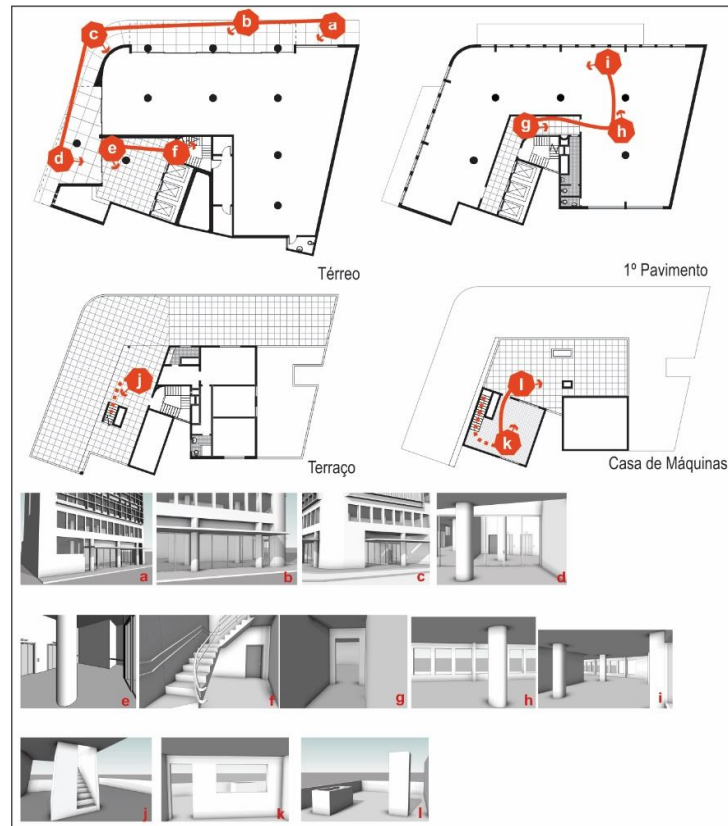


Figura 4: Edifício Consórcio(1956). Porto Alegre. Diagrama de percursos.
Fonte: Dos autores

A partir do saguão trapezoidal que recebe coluna, ao centro, sutilmente alinhada com outra externa, posiciona elevadores e escada que acessam os escritórios dos pavimentos *tipo*, lançados entre *pilotis* (P. e-i). Já no ápice da edificação faz conexão entre um terraço maior de contorno - resultante do perímetro da edificação e acima desse, outro menor, sobre a Casa de Máquinas (P. j-l).

O programa comercial pode ter contribuído para a característica "rígida" da composição, sem os condicionantes de acomodações mistas com funções residenciais, o que não desencadeia necessidades estratégicas de encaminhamentos especiais e, conseqüentemente de passeios diferenciados. Verifica-se no exemplar identidades nas intenções de fruição espacial do arquiteto, para as quais contribuem as condições topológicas do lote e a função comercial, bem como analogias com os exemplares cariocas de referência.



Porém, se comparada às estratégias usuais das obras “mestras” de referência, que se configuram a partir de uma malha estrutural em *pilotis*, *planta livre* e espaços subsidiários dessa estrutura, a síntese de Mendonça faz-se de forma “truncada”, já que a *matriz carioca* não comparece de forma plena nos seus objetos, restringindo-se a alguns argumentos, passíveis de adaptação.

Estrutura Formal/Síntese Analítica

Na terceira categoria destacam-se estratégias visíveis recorrentes nas obras de Holanda Mendonça no tratamento formal, com tripartição da volumetria em base-corpo e coroamento, e por vezes simetria no arranjo das aberturas e sacadas, ainda gestos *acadêmicos*, destoantes da estratégia formal *modernista*.

Nos exemplares de Holanda Mendonça, observam-se *tipos*, os quais pelas geometrias dos lotes, programas e uso corrente do *ideário corbusiano* definem matriz tipológica comum, e lógicas compositivas dinâmicas, já que, pela natureza dos *elementos de arquitetura* e de *composição*, permitem arranjos diversos. É objeto desta pesquisa a identificação dessas estratégias de composição a partir de intenções projetuais que contemplem relações tipológicas.

Piñon (2009) considera que na modernidade prevalece a intenção subjetiva do arquiteto no processo de concepção da legalidade formal da obra, com regras que não são anteriores ao ato de conceber - como no *classicismo*, considerado em si mesmo, a partir do *tipo*, como uma manifestação abstrata, arquetonicamente incompleta, principalmente pela sua imparcialidade programática. Ainda acrescenta que a consistência formal, que no classicismo vem garantida pelo *tipo* é na modernidade o objetivo da ação de projeto, fazendo com que cada obra tenha sua própria constituição na origem dos critérios de legalidade formal que organiza seus espaços. Reforça que a forma, na produção moderna, transcende a um sistema prévio, sendo manifestação de ordem específica do objeto e se constrói com critérios de ordem diversos aos classicistas:

(...) em lugar da simetria, a modernidade aspira ao equilíbrio; em vez de fixar-se em critérios de igualdade, se orienta aos de equivalência; em lugar de aspirar a unidade, persegue a consistência; em vez de utilizar um critério hierárquico de ordem, a forma moderna propõe, enfim, a classificação". (PIÑON, 2009, p.128)

O não domínio do projeto *modernista*, que transparece na eleição de objetivos formais que retratam, em alguns momentos, uma fisionomia epidérmica na adaptação da aplicação de pressupostos da *escola carioca* a programas “gaúchos”, revela-se na ausência de correspondência estrutural entre a compartimentação do pavimento tipo em relação ao arranjo do pilotis/sobreloja, exigindo viga de transição e destituindo a lógica de racionalização construtiva da estrutura.

Exemplificando, o quadro de Análise Formal/ Síntese Analítica relaciona três edifícios construídos em lotes entre medianeiras, em avenidas centrais de Porto Alegre.

O Edifício Santa Terezinha(1950) estabelece em sua fachada frontal um reforço negativo das reentrâncias das sacadas na linha axial da composição, o que pode denotar um vínculo de Holanda Mendonça à teoria acadêmica, culminando em "coroamento" recuado, com o volume da casa de máquinas e reservatório elevados, ladeados por porção de apartamento de zelador mais baixo e terraço num recurso de balanço assimétrico. Já o Edifício Excelsior(1952), em terreno alongado, apresenta planta em "H", que localiza circulação



vertical em escada e elevadores na sua parte estreita, bem como algumas funções dos apartamentos, com variações nos pavimentos *tipo*, que mostram concessões formais e funcionais visíveis, entregues às necessidades de adaptação ao programa, abrindo mão dos precedentes funcionalistas em inúmeros pontos do projeto. Porém inclui com habilidade os elementos que parece perseguir desde o início de sua atividade projetual, em metodologia que inclui diálogos com os aspectos estruturais, geometrias, e visualizações espaciais. Por fim o Edifício Cerro Formoso (1952), em nível de planta, apresenta fortes semelhanças com a planta do Edifício Excelsior³, geradas provavelmente pelas características do lote, orientação solar e programa, e logicamente, pela dinâmica projetual do arquiteto. (Figura 5)



Figura 5: Estrutura Formal/Síntese Analítica em edifícios entre medianeiras
Fonte: Desenho dos autores

Matriz de Análise

A sistematização dos elementos arquitetônicos não contextualiza o exemplar, bem como não permite a sua leitura plena, já que pinça dos objetos elementos comuns que definem um grau

³ Assim como no Excelsior, a responsabilidade técnica é do engenheiro João Carlos Caldeira Bastian, pela ABC.



maior ou menor de identidade com os objetos *modernistas*. Aspectos oriundos da *escola carioca*, na percepção de elementos periféricos, epidérmicos, de alguns espaços recorrentes, de transição, externos e internos, entre outros, traduzem a "fisionomia" da linguagem de referência, a qual, de fato, deverá apenas ser confirmada, aliando-se a estes a aplicação das demais categorias de análise.

Reconhece-se que os elementos arquitetônicos, desde recursos epidérmicos configurados por seus *elementos de arquitetura* - *pilotis*, *esquadrias*, *máscaras*, *cobogós* -, e os *elementos de composição* - hall de entrada, áreas cobertas, mezaninos, terraços, terraços jardim, até estratégias estruturais construtivas e de forma – recorrentes nos objetos *cariocas*, retratam a teoria de *cunho corbusiano* adaptada ao solo brasileiro, a qual repete-se em Holanda Mendonça.

Desta forma, a quarta categoria, definida a partir da delimitação de uma matriz de análise da obra de Holanda Mendonça se dá a partir da identificação "a priori" de um repertório de elementos arquitetônicos e de setorização comuns e recorrentes, que estabelecem identidades latentes entre as obras de referência - da *escola carioca* - e sua obra local, listadas a seguir.

Elementos de arquitetura estruturais

Segundo Comas (2013, p.19), no "Inventário da Arquitetura Moderna de Porto Alegre 1945/1965", a colunata colossal aparece nas bases dos edifícios em três situações: em galeria associada a térreos comerciais com loja e sobreloja nos edifícios residenciais; em edifícios institucionais, formando pórtico frontal, e em função da topografia, em ponta de edifício residencial, ou galeria, como ao longo de áreas comuns fechadas. Entre os elementos de arquitetos estruturais, destaca-se situações abaixo.

- *pilotis*: compõe - juntamente com os demais pilares dispostos em linha - *colunatas*, ou espaço de passeio ao nível do térreo, encimado por lajes *tipo caixa*, delimitando espaços como hall de entrada em simples ou dupla altura e lojas com sobrelojas; afasta-se de pano de vidro – elemento de fechamento da edificação- , para ser identificado como elemento estrutural independente do sistema de fechamento, retratando estrutura independente e fachadas livres, dois dos "Cinco pontos de Arquitetura".

- coluna cilíndrica e/ou oblonga de simples ou de dupla altura, localizadas no pavimento de acesso- sob o corpo da edificação -, e nos *pavimentos tipo*, geralmente revestidas por pastilhas ou mármore.

- coluna prismática: com raras exceções, não visualizada em espaços nobres das construções do período, guardando-se para garagens e outros espaços hierarquicamente de menor importância na edificação.

Áreas cobertas de acesso

- marquise: cobertura de acesso às edificações ou nos pavimentos superiores, demarcando e caracterizando a entrada principal das edificações; configura-se em superfície plana e/ou inclinada, em algumas vezes utilizadas como *porte-cochère*, no acesso dos edifícios *modernistas*.

- espaços de transição: situados no acesso das edificações, entre espaço público e privado, ou entre áreas cobertas abertas e fechadas; delimitados por entrepisos, colunas, colunatas, panos cegos lineares e/ ou curvos com esquadrias em ferro e vidro; em alguns momentos,



configuram esse espaço floreiras, espelhos d'água e muretas, em composições paisagísticas intermediárias.

- *colunata*: composta por colunas cilíndricas, oblongas ou prismáticas em linha, com alturas simples ou duplas que fazem a base de sustentação dos prédios em altura; elemento expressivo do ideário *corbusiano*, inspirado no *peristilo* da arquitetura grega, localizado na periferia da edificação, afastado dos limites dos panos de vedação do térreo e, em alguns momentos, das vedações das sobrelojas; define o perímetro externo da edificação em uma ou mais fachadas, possibilitando passeios cobertos e uso público, ou externo, nos *intercolúnios*.

Base

O *embasamento* na arquitetura *modernista*, apresenta-se como uma interpretação da arquitetura clássica tripartida, em *base, corpo e coroa*. Em relação negativa com o solo, determina-se pela base recuada e conseqüente suspensão de "caixa" sobre *pilotis*. Já no plano recuado, encontram-se acessos ao prédio residencial, garagens e lojas comerciais, quando em uso misto. Assim, a superfície da base, geralmente precedida de *colunatas* e configurada entre colunas e elementos paisagísticos, define-se formas variadas para acessos das funções residencial e lojas comerciais, bem como setores de contemplação a vitrines.

Elementos compositivos do térreo

- hall/escada: elemento funcional de acesso, estar e organizador dos encaminhamentos horizontais e verticais; espaço no qual se agregam valores plásticos perceptíveis em sua forma e configuração; situados em espaços térreos de edifícios comerciais, multifuncionais e/ou multifamiliares, em pé direito simples ou duplo, envolvidos por colunas estruturais; as lojas e salões apresentam-se com as mesmas configurações espaciais, abrigando escadas helicoidais e pavimentos em pé-direito duplo.

- mezanino/sobreloja: pontuam-se como elementos de composição de prédios comerciais (sobre-lojas) ou de uso misto, definidos entre laje intermediária e piso do primeiro pavimento tipo, gerados pelas colunas em dupla altura; configuram-se em pavimento idêntico ao pavimento térreo ou em parte, com pé-direito duplo, gerando sacada - tipo balcão interno - para o pavimento inferior e esquadria de dupla altura.

- balcão recepção/peitoril: elementos localizados principalmente nos acessos, para apoio da recepção, envoltos e/ou vinculados à estrutura e/ou *pilotis*; peitoril compacto de circulações abertas e/ou sacadas.

Corpo da edificação

Composto por estruturas em concreto armado, elementos de vedação, grelhas máscaras em *brise soleil* e/ou por outros elementos, onde visualizam-se componentes com características morfológicas perceptíveis à longa distância. Articulam-se quadros avançados, volumes suspensos, panos recuados, arremates tipo "cantoneiras", entre outros, definindo fisionomia da *escola carioca*, *dos quais* lista-se a seguir.

- sacadas: espaços geralmente delimitados entre panos recuados e balcões, guarda-corpos metálicos ou *brises* verticais e horizontais, vinculados a *alvéolos* verticais, configurando porção expressiva, de característica epidérmica, recorrente no ideário da *escola carioca*.



- escada periférica: destaca-se do corpo da edificação, na forma de volume aditivo, prismático e/ ou curvo; apresenta-se com envoltórios compactos ou esquadrias metálicas, enfatizando a função de circulação vertical.

- panos cegos: componente de edificações em altura, que se alternam com setores com fenestração; configura-se com revestimentos em pedra, cerâmicos e outros materiais; empenas nas divisas compondo fachadas laterais que se articulam com subtrações do volume principal.

Coroamento

Como coroamento, no ápice de alguns edifícios em altura observam-se recursos plásticos especiais, nos seus últimos pavimentos, através dos elementos de vedação, como balcões e *brises* em ritmos e desenhos diferenciados nos limites superiores do pano frontal que configura o corpo da edificação. Porém, mais recorrentes são as estratégias formais definidas pelos volumes das "casa de máquinas", dos reservatórios e de outras funções especiais como salões de festas e reuniões, em alvenaria ou concreto armado, recuados em relação ao corpo principal, com visualização possível a longa distância, a qual pode ser interpretada como um "coroamento" da edificação, geralmente em formas prismáticas, cilíndricas e ou com trechos curvos. Por outro lado, as *platibandas* são componentes de arremate do corpo da edificação, nas residências e prédios em altura, definindo algumas situações características de *coroamento*.

Elementos de arquitetura de vedação

Aplicados de forma "epidérmica" nas edificações, delimitados entre lajes, compostos de sacadas arrematadas por guarda corpos metálicos ou na formas de balcão em alvenaria, bem como de elementos vazados plástico-funcionais e esquadrias de fechamento.

- *brises*: com percepção externa em trama formada por marcação horizontal ou vertical e percepção interna como filtro que ameniza as informações do exterior; *elemento de composição* de fachada e anteparo controlador da incidência de raios solares sobre os ambientes internos, fixos ou móveis, horizontais e/ou verticais, em materiais como fibrocimento, alumínio ou concreto armado.

- *alvéolos*: elementos verticais ou horizontais, nos enquadramentos e delimitações dos *brises* horizontais e verticais, respectivamente.

- *cobogó*: *elemento de arquitetura* com aplicação plástica comum à *escola carioca*, o qual se define, geralmente, como anteparo visual de zonas de serviço; exemplifica-se aplicado de forma composta, com mais de um elemento vazado e com o objetivo do enquadramento centralizado de esquadrias, no projeto dos edifícios do Parque Guinle(1948), de Lucio Costa.

- tijolo de vidro: usado para delimitação de portas ou composição de panos retilíneos e/ou curvos, no interior e exterior das edificações.

- esquadria ritmada e/ou contínua: delineando-se com continuidade, seguindo a *fenêtre en longueur*, prerrogativa da teoria *corbusiana*, sendo que em algumas situações não apresentam essa configuração, quando ficam restritas à definição de um ritmo.

Elementos compositivos/geral

Verificam-se estratégias esparsas, recorrentes no ideário *carioca*, resultantes de outros gestos projetuais. Não se constituem como *elementos de arquitetura* ou *elementos de*



composição, porém têm função complementar na leitura do vocabulário de referência. A identidade aparente das fachadas externas, além dos argumentos já mencionados, surge através da aplicação do *gnaisse*⁴ e azulejos, utilizados nos prédios cariocas entre as décadas de 40 a 60, até mesmo a partir de recomendações de Le Corbusier, em 1937.

- laje ou cobertura inclinada: usual na *escola carioca*, em concreto armado, limitante da edificação, definida em uma água ou tipo *borboleta*, visualizam-se também coberturas inclinadas em telha de fibrocimento delimitadas por *platibanda*.

- laje tipo "caixão perdido": laje/forro entre mezaninos e primeiro pavimento tipo, com vigamento embutido; recebe luminárias embutidas *tipo plafons* circulares ou quadrados.

- forma curva: resultante de gestos projetuais recorrentes na *escola carioca*, integrante de um contingente de edificações projetadas conforme o ideário *corbusiano* configuram-se contornando e limitando-se por colunas e em outras aplicações.

Elementos de composição e de paisagismo

- *terrasse jardim*: reflete o pensamento *corbusiano*, como um dos Cinco pontos da Arquitetura, com interpretação brasileira, principalmente de Oscar Niemeyer; situa-se em lugar privilegiado da edificação, simbolizando um resgate da área de piso para cidade; vê-se, originalmente, na Villa Savoye, em 1929, exemplar que demonstra com clareza a intenção conceitual de Le Corbusier.

- jardim frontal: entre acessos de serviço, veículos e pedestres, tem função ornamental e de lazer; apresenta pisos revestidos em pedra portuguesa ou outros materiais e espécies vegetais diversas, com canteiros em formas sinuosas.

- floreiras e espelhos d'água: elementos em alvenaria, geralmente com bordas salientes ou mais comumente no mesmo plano.

Elementos de composição especiais

Tanto na arquitetura *carioca* do período heroico, quanto na prática de Holanda Mendonça no Rio Grande do Sul, observam-se programas como restaurantes, cine- teatros e similares com espaços de salas de baile, pistas de dança, palco e platéia, e balcão de bar. Assim efetua-se o exame comparativo no que concerne a esses temas e suas configurações nos prédios gaúchos, quanto à recorrência e grau de identidade com a *escola carioca*.

Elementos de setorização

A partir dos anos 30, mais intensamente na virada da década de 40 do séc.XX, começam a ser aplicadas estratégias de setorização nas edificações residenciais multifamiliares, como reflexo de mudança de hábitos, principalmente das classes mais abastadas. Trata-se de uma demanda por projetos diferenciados e que contemplam espacialmente sistematização funcional, a qual delimita claramente zonas e fluxos social e de serviço, desde os espaços condominiais de acesso e circulação até o interior dos apartamentos. Observam-se acessos e equipamentos setorizados como escadas, elevadores e terraços - destinados especificamente ao serviço -, bem como a inclusão das dependências do zelador, lavanderias

⁴ Material de revestimento originário de rocha mineral, utilizado na forma de placas, amplamente utilizado nos prédios que originaram a *escola carioca*.



(no ápice dos edifícios) e garagem. No interior dos apartamentos ou unidades, a setorização comparece na distribuição funcional especializada dos setores social, serviço e íntimo.

Aplicação da Matriz de Análise

No que se refere à aplicação da Matriz de Análise verifica-se a incidência plena dos itens expostos (Figura 6) no projeto do Cine Hotel Consórcio de Bagé(1955/56).

Embora este seja um dos últimos Holanda Mendonça aplica a quase totalidade dos pressupostos da *escola carioca*, em programa no qual define premissas gerais de projeto, nas quais *elementos de composição* e de *arquitetura* são aplicados a partir do lançamento da proposta.

O partido insere diversos edifícios em quarteirão único, com características volumétricas semelhantes e com uma lógica condutora que agrupa as unidades, determinando passeios de contorno através de *colunata* e configurando funções com a lógica *modernista*.

É visível um conceito de modernidade no programa que agrupa hotel, bar e restaurante no terraço, um cineteatro para 2000 pessoas, apartamentos com setorização social, íntimo e serviço, elevadores privativos, lavanderia coletiva, apartamento de zelador, terraços no pavimento superior, um terraço com play-ground e garagens no subsolo com acessos externos e comuns aos edifícios lindeiros.



Figura 6: Aplicação da Matriz de Análise – Cine Hotel Consórcio Bagé.

Fonte: Elaboração dos autores

A estrutura independente e aparente, característica da *matriz carioca*, é lançada na maioria dos edifícios, "encabeçada" pelas linhas em *pilotis*, sendo que nos pavimentos *tipo* do edifício de apartamentos a estrutura une-se às paredes de vedação externas e internas.



Os elementos de transição e a base recuada compõem a elevação do corpo da edificação, com *elementos de arquitetura* de vedação diversos. Pontuam-se colunas cilíndricas vinculadas a balcões e/ou contornadas por floreiras com transpasse entre exterior e interior e o uso de pedra e cerâmica como revestimento de *panos cegos* nos pavimentos térreo.

Repetem-se argumentos relacionados com os momentos de acesso, como nos demais edifícios do arquiteto: pé-direitos duplos; *brises*; esquadrias contínuas; *cobogós* e quadros em *alvéolos*. As lojas, mesmo em edifícios diferentes, estão configuradas com a mesma lógica.

Por fim, relacionam-se com a Matriz de Análise a proposta do *terrace jardim* (com suas funções) como um gesto especial para o "miolo" do quarteirão, e o *coramento* em volume composto por linhas sinuosas expostas no ápice do edifício de apartamentos. São dois momentos visivelmente extraídos dos exemplares de referência.

Aspectos conclusivos

Em termos de situação e geometria de lote, o parcelamento "figurativo" encontrado em Porto Alegre pelo arquiteto se assemelha às zonas centrais e aos bairros de expansão urbana dos anos 30 e 40, como Flamengo e Copacabana no Rio e Higienópolis e Cerqueira Cesar em São Paulo, onde se multiplicam exemplares na lógica compositiva *modernista*. Entretanto, ao contrário dos exemplares cariocas verificam-se, na obra de Holanda Mendonça, inúmeras estratégias projetuais recorrentes, que se limitam à "espacialidade do térreo" e ao "tratamento volumétrico", uma das marcas da *escola carioca*, mas de forma epidérmica.

No Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre Comas (2013) atesta a importância do valor artístico e das estratégias de "modéstia" arroladas no quadro da arquitetura gaúcha. E complementa:

(...) A arquitetura moderna constitui proposição inclusiva em mais de um sentido. Não trata apenas do sistema em que, segundo Lucio, duas concepções de forma opostas se completam e se integram, a flor e o cristal. É sistema que admite diferentes espécies de flor e cristal, ao mesmo tempo que acolhe diferentes estágios de articulação entre suportes e paredes, a planta livre e a paralisada, a fachada livre e a enquadrada; aceita tanto o antagonismo quanto a gradação. (COMAS, 2013, p. 23)

A partir da verificação dos mecanismos de transferência da *escola carioca*, o problema projetual se explicita nas dificuldades e/ou falta de rigor na articulação de variáveis de projeto, independentes da "incorporação" ou "colagem" de um conjunto de elementos de arquitetura e de composição dela apropriados. Em certo sentido, pode ser entendido como a aplicação de uma "matriz estilística", ou uma transferência parcial do "sistema de projeto modernista".

Após suas primeiras obras, Holanda Mendonça desprende-se de alguns fundamentos modernos e volta-se para o mercado imobiliário, flexibilizando os conteúdos da escola carioca em intervenções nas quais é perceptível inserção superficial ou epidérmica de elementos. Desmistifica a imagem do arquiteto brilhante e doutrinador, sem concessões, tão presente na historiografia da arquitetura moderna brasileira.

No conjunto de sua obra compreende-se o processo de difusão de novos paradigmas a partir da produção média de arquitetos de ofício, na utilização e manipulação de repertório de elementos comuns, assentados pelas referências eruditas precedentes e validados pela exemplaridade dos precursores.

Conclui-se que a produção deste material contribui com a historiografia da obra de Holanda Mendonça, no sentido de permitir sua mais completa percepção e entendimento. Acrescenta-



se que a relevância de interpretá-la se deve ao papel significativo e pioneiro na difusão da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul.

Referências

ABREU FILHO, Sílvio Belmonte de; LUCCAS, Luis Henrique Haas. **A falta que ela nos faz- reflexões sobre a perda da arquitetura moderna em Porto Alegre**. ARQtexto nº.3-4, 2003, p.174-178.

ARNHEIM, Rudolf. **A dinâmica da forma arquitetônica**. Lisboa:Editorial Presença,1988.

BUENO, Marcos Flávio Teiteiroit Bueno. **A obra do arquiteto Carlos Alberto de Holanda Mendonça**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. PROPARG/UFGRS. Porto Alegre, 2012.

COMAS, Carlos E.;PIÑON, Hélio. **Inventário Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65**. Editora Marcavvisual. Porto Alegre, 2013.

_____. **“Brazil Builts e a bossa barroca: notas sobre a singularização da arquitetura moderna brasileira”**. Niterói, Anais do Docomomo 6, 2005.

CORNOLDI, Adriano. **La arquitectura de la Vivienda Unifamiliar – manual del espacio doméstico**. Editora Gustavo Gili.SA, Barcelona, México,1999.

COSTA, Ana Elisia da. **O Gosto pelo Sutil: Confluências entre as Casas -Pátio de Daniele Calabi e Rino Levi**. Tese (Doutorado em Arquitetura) - FAU - PROPARG-UFGRS, 2011.

FRANKL, P. **Principles of Architectural History**. MIT Press, 1982.

GONÇALVES, Magali N.C.. **A Fronteira do Moderno: Holanda Mendonça e a difusão da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. PROPARG/UFGRS. Porto Alegre, 2017.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do “gênio artístico nacional”**. 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MACIEL, Carlos Alberto. **Villa Savoye arquitetura e manifesto**. In <http://www.vitruvius.com.br>, Arqtextos 024.07ano 02, maio 2002.

PIÑON, Hélio. **Forma y Identidad**. Revista Summa 73,pg.128, 2009.

RECENA, Maria P.;CASTRO OLIVEIRA, Rogério de. **Sistemas de Movimentos e composição arquitetônica: do espaço de posições para o espaço de relações**. II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo,2014.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1987.